



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MICHA DIOGO

**TERRITÓRIO-CORPO EM RETOMADA: PRÁTICAS E SABERES
DAS PLANTAS NA CONSTRUÇÃO DE AUTONOMIA E CURA
DAS DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

MICHA DIOGO

**TERRITÓRIO-CORPO EM RETOMADA: PRÁTICAS E SABERES
DAS PLANTAS NA CONSTRUÇÃO DE AUTONOMIA E CURA
DAS DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade Projeto de Pesquisa, apresentado ao Instituto de Humanidade e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a conclusão do curso de Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade (UNILAB).

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline de Moura Rodrigues (PPGAS-UFRGS)

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2022

MICHA DIOGO

**TERRITÓRIO-CORPO EM RETOMADA: PRÁTICAS E SABERES
DAS PLANTAS NA CONSTRUÇÃO DE AUTONOMIA E CURA
DAS DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso, modalidade Projeto de Pesquisa, apresentado ao Instituto de Humanidade e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a conclusão do curso de Bacharelado em Humanidades.

Aprovado em: 01 de agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rutte Tavares Cardoso Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Aline de Moura Rodrigues

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS-UFRGS)

Examinadora: Prof.^a Dr.^a Cristiane Santos Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Examinador Externo: Prof. Dr. Tito Mitjans Alayón

Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas (CESMECA)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA DA PESQUISA	7
3	OBJETIVOS	7
3.1	OBJETIVO GERAL	7
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
4	JUSTIFICATIVA	7
5	METODOLOGIA	9
6	REVISÃO DE LITERATURA	10
7	CRONOGRAMA	14
	Referências	15

“Não busque Deuses fora da Natureza. Você está conectado a todas as forças que existem”.

- Marimba Ani

1 INTRODUÇÃO

Aqui é um trans-tornado¹ quem vos fala, e para falar deste projeto, se faz necessário evocar experiências de vida que me despertaram para o tema. Fui ensinado desde pequeno a respeitar e ouvir as mais velhas e mais velhos, e quem mais me ensinou sobre isso foram minha avó e meu avô. Os dois moravam em casas separadas no mesmo quintal, e era nesse quintal que a magia acontecia, por ser onde ficava a “farmácia” natural a qual recorriam no momento em que identificavam algum desequilíbrio neles ou alguém próximo. Tinha unha-de-gato, cavalinha, insulina, mentruz... Uma boa variedade de plantas medicinais prontas para ajudar a afastar os males.

Estamos conectados a uma herança de saberes advindos de uma forma de estar no mundo e compreendê-lo, que acredita na comunhão das diversas existências, sabemos disso antes mesmo de nascer, e acredito que a oralidade nos é fundamental para passar adiante essas tradições. Com meus avós, minha mãe aprendeu a perceber a espiritualidade a partir das folhas e seus poderes para ter força para enfrentar os desafios que se puseram a sua frente. Todos os que vieram antes de mim, antes mesmo de minha avó, me deram a oportunidade de ser continuidade nessa dinâmica cíclica que nos envolve.

A questão da saúde, bem-estar e autocuidado enquanto conceitos advindos do sistema-mundo brancocêntrico, não pode fazer outra coisa que não perpetuar a função de desumanizar a população não-branca presente, por processos históricos distintos, em Abya Ayala. Estes processos, em curso há mais de 500 anos em Pindorama, impactam diretamente no acesso à saúde convencional dos povos da terra. Dentro da ficção-brasil, enquanto corpo mestiço, transexual e periférico, encontrei uma série de obstáculos no acesso à saúde: desde Bagé/RS, onde nasci, até Porto Alegre/RS, onde me criei, até chegar na Bahia, onde vivo. E já situado em Santo Amaro/BA, o acesso continuou precarizado, e depois de certo tempo (re)estabeleci rotinas de cuidados experimentais com folhas e observações com meu corpo.

¹ Termo adaptado pela cultura trans - neste caso em específico, me refiro à cultura transmasculina - na intenção de demarcar uma posição política de afirmação de identidade diante da realidade vivida e da história da medicina e áreas como a psiquiatria onde pessoas trans eram (e ainda são) tidas como portadoras de transtorno mental. Ressignificando o sentido patologizante dado ao termo, trago a ênfase ao processo de autoconhecimento que é “tornar-se” trans.

As trocas de informações que foram sendo incorporadas na rotina, instigaram a continuidade da busca pela compreensão dos benefícios resultantes das manipulações de determinadas plantas, para determinados usos. A busca se intensifica por estar em contato com pessoas da rede teórica, afetiva e política da qual faço parte (RODRIGUES, 2020). A rede a qual me refiro, é composta por pessoas negras e afro-indígenas de diferentes regiões do Brasil, agora residentes de Santo Amaro, em sua maioria transmasculinos e mulheres-cis² de sexualidades diversas. São aprendizes das medicinas das matas, cada um em seu fluxo, cada um em sua área, ligados pelo afeto e compromisso em estar vivos vibrando o legado indígena e africano.

Nesta pesquisa, pretende-se investigar como se estabelecem as relações entre plantas e a dissidência de gênero e sexualidade racializada como parte da retomada do território-corpo ancestral. Na complexidade do território indígena e africano no qual a pesquisa faz morada (Santo Amaro), é que são mobilizados saberes e práticas dos povos da terra em torno do poder das folhas.

A carência de difusão de informações responsáveis e desvinculadas da lógica do Ocidente, que evidencia de maneira exacerbada a biologia ou materialidade do corpo para assim subjugar-lo na diferenciação sexual e de gênero dos sujeitos, por excelência racistas, misóginas, transfóbicas (OYĚWÙMÍ, 2021), tem por finalidade nos apartar do contato com o próprio corpo, gerando desequilíbrio e afastamento da espiritualidade.

Portanto, a partir da perspectiva da Antropologia Social, especialmente Antropologia da Educação, pretende-se produzir com o resultado da pesquisa de campo, um documento audiovisual didático, pois é crucial que se cultive e desenvolva o conhecimento local, pensando também na difusão do conhecimento em foco. Partindo do registro do ciclo de atividades a serem realizadas durante um semestre, a pesquisa pretende centralizar os saberes relacionados às plantas medicinais, e os elos que compõem as narrativas presentes nos encontros dos corpos (coletivos) das dissidências de gênero e sexualidade racializadas, na tentativa de identificar as encruzilhadas que potencializam a constituição de autonomia e cura no território-corpo.

2 PROBLEMA DA PESQUISA

Como se desenvolvem práticas autônomas de autocuidado entre corpos dissidentes de gênero e/ou sexualidade, plantas e saberes indígenas e africanos. Como as dissidências de gênero e/ou sexualidade racializadas, residentes da cidade de Santo Amaro, desenvolvem práticas autônomas de cuidado de si e dos seus/das suas, a partir dos saberes em torno das plantas.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Identificar a relação da população originária (em diferentes contextos) e diaspórica africana, dissidentes de gênero e sexualidade, situada na cidade de Santo Amaro (BA), com as sabedorias ancestrais em torno das plantas e o exercício a partir delas, de práticas autônomas e partilhadas de cura.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Documentar como se relacionam as plantas, dissidências de gênero e/ou sexualidade e raça;
- Disseminar os processos de autocuidado entre corpos dissidentes de gênero e sexualidade;
- Conhecer os impactos sobre a autonomia do cuidado de si, nas corpos originárias e da diáspora africana, de gênero e/ou sexualidade inconformes perante o epistemicídio sustentado pela cosmovisão eurocêntrica.

4 JUSTIFICATIVA

Por ter as ganas de contato com narrativas intercruzadas à minha existência, na oportunidade de realização da pesquisa, fui de encontro à lacuna existente na literatura acadêmica a respeito dos saberes e movimentos autônomos situados em

cosmopercepções próprias e fora do eixo normativo. Cosmopercepções em que há possibilidades de construção de novos futuros possíveis para as dissidências racializadas. Por isso, neste projeto consideramos a dimensão grandiosa da construção de um mural de epistemes, capaz de esboçar caminhos visíveis e invisíveis aos olhos humanos. Mas de quais humanos falo? Não reivindicaremos uma humanidade advinda da lógica da colônia:

O ponto de vista que atravessa o texto e que o texto sustenta é gerado por alguém. Alguém que é o sujeito autoral, criador/a da obra, o sujeito da criação do texto. E, nesse sentido, afirmo que quando escrevo sou eu, Conceição Evaristo, eu-sujeito a criar um texto e que não me desvinculo de minha condição de cidadã brasileira, negra, mulher, viúva, professora, oriunda das classes populares, mãe de uma especial menina, Ainá etc., condições essas que influenciam na criação de personagens, enredos ou opções de linguagem a partir de uma história, de uma experiência pessoal que é intransferível.” (EVARISTO apud DUARTE, 2011, p. 115)

Somos a força da natureza ancestral que nasce entre blocos cinzas duros e frios, do concreto das metrópoles, existimos na lama, no vento que move todas as criaturas animadas e inanimadas na terra, existimos na contracorrente da maré cheia, na fogueira que mantemos acesa por saber quem guia nossos passos no ayê².

O audiovisual, historicamente utilizado como um instrumento colonial de anulação de nossa identidade, aqui busca ser abordado como tecnologia apropriada e direcionada a visibilizar a imagem e o corpo na construção da identidade. Sobre isso, a autora Ceíça Ferreira nos dá pistas ao refletir sobre a negritude no cinema brasileiro, em diálogo com o legado de Beatriz Nascimento e especialmente através do filme *Orí*:

A narrativa destaca ainda a importância do corpo na construção da identidade, porque o corpo é ao mesmo tempo individual, traz marcas e lembranças da subalternização histórica que classifica o corpo negro como feio, exótico, inferior; mas é também coletivo, é registro de sua história e de suas migrações. E é também memória, que se revive em ritmo e movimento, seja nos bailes *black*, no carnaval ou na linguagem do transe (FERREIRA, 2012).

A importância de um documento audiovisual oriundo desta pesquisa se encontra nas possibilidades que este formato de mídia tem de proporcionar sensorialidades, dinâmicas, reflexões dentro do aprendizado focado na oralidade das

² terra

narrativas semeadoras de saberes anticoloniais acerca da manipulação das plantas medicinais na defesa do corpo coletivo. Este formato de documento fílmico, vai contra o epistemicídio negro e indígena.

A pesquisa justifica-se através dos corpos cíclicos, reciclando saberes que nutrem a autonomia no que diz respeito à agência de nossos corpos, nosso bem-viver. Corpos estes que em retomada epistêmica, nos direcionam pelas trilhas estratégicas da luta pelo firmamento no território-corpo ancestral da terra em que estamos, e onde se localiza a pesquisa. Se o desejo hegemônico nos quer presxs às suas barreiras, nosso existir é machado, foice cortando invenções desse novo mundo velho, criadas para nos afastar de nossas memórias, que transpõem fronteiras e desconhecem limites impostos por cercas de arame farpado.

5 METODOLOGIA

Tendo como base o poder das folhas e a autonomia do corpo na construção da identidade dissidente de gênero e sexualidade, africana em diáspora e indígena, e devido à necessidade percebida durante as pensações de estruturação do projeto, se fez necessário radicalizar nas escolhas metodológicas. Para isso, traremos a Escrivência como prática metodológica. Este conceito da autora Conceição Evaristo, estará permeando essa caminhada: “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (EVARISTO, 2017, s/p).

Tal escolha é reflexo de questionamentos e exercício de encantamentos: interrogações e reflexões em torno do vivido e doído, acerca do papel de um trans-tornado, no espaço acadêmico do interior do recôncavo baiano. Se estou depois de quase dez anos retomando uma rotina de estudos, cumprindo exigências, lidando com a solidão imposta a quem não se conforma, há então uma necessidade de romper com o silêncio racista, hetero-cis-patriarcal que não vai me salvar (HOOKS, 2019), e convocar a comunidade acadêmica onde estou inserido a também a refletir e agir apesar dos moldes ainda cristalizados de desenvolvimento de conhecimento científico.

A contribuição de Divino Oliveira Silva, em colaboração com outros autores, no texto “Plantas medicinais como proposta interdisciplinar no segundo segmento da educação de jovens e adultos” (2015), onde é proposta a utilização das plantas medicinais sob viés interdisciplinar, como instrumento no ensino das Ciências no contexto escolar, nos auxiliou na fundamentação temática, e especialmente metodológica do projeto.

Então, a pesquisa se dará num cunho qualitativo, por nos permitir aprofundar o conhecimento sobre a relação das dissidências racializadas com as plantas medicinais. E lançando mão da etnografia, durante um semestre acompanharemos as atividades a serem desenvolvidas com as pessoas que compõem a rede afetiva, política e teórica anteriormente citada. A observação participante, nos permitirá uma maior densidade nas informações coletadas para a análise, assim como as entrevistas, com sete das pessoas que estarão compondo o ciclo. Estas abordagens e dados coletados, subsidiarão a concepção do material audiovisual, assim como o levantamento bibliográfico, apreciado em artigos científicos, teses e dissertações publicadas relacionadas ao tema.

Portanto, através das leituras, atividades e entrevistas de trocas de saberes em torno das folhas, será possível tanto trazer fundamentos para o documento audiovisual, como práticas didáticas para o pesquisador e participantes, como um embalo a esse mergulho nas águas de nossos conhecimentos tradicionais.

6 REVISÃO DE LITERATURA

Em sua teorização, o grandioso filósofo Molefi K. Asante, nos apresenta a fundamentação da Afrocentricidade:

Ao longo das últimas décadas, o aparecimento da Afrocentricidade como um paradigma profundamente novo tem mudado as perspectivas sobre as ciências sociais, a natureza das investigações científicas, das humanidades e o caráter das narrativas históricas. A Afrocentricidade emergiu como um repensar da caixa conceitual que tinha aprisionado os africanos no paradigma ocidental. Isso foi um Eurocentrismo que tinha finalmente esgotado a si mesmo. (ASANTE, 2016)

A partir da re-localização das perspectivas africanas em paradigmas próprios, proposta por Molefi K. Asante, compreendendo a possibilidade de ampliação da

afrocentricidade enquanto conceito. O pensamento do autor pode contribuir para o reequilíbrio epistêmico de outros povos da terra, como os indígenas de Iximulew, onde conhecemos como Guatemala, na América Central, lugar onde vive Lorena Cabnal. Na publicação “El relato de las violencias desde mi territorio cuerpo-tierra” (CABNAL, 2020), aprendi com esta potente mulher indígena maya xinca, que o território corpo, com todos nossos atravessamentos, nos dá aparato empírico para conscienciamento de que, é esta terra que nos impulsiona a viver e centralizar alianças entre pessoas de gênero e sexualidade não-hegemônica indígenas, africanas e mestiças, comprometidas a partir do pertencimento. Seguir um caminho de construção de autonomia, para a ativação de conhecimentos em torno das plantas, advindos de nossa herança que nos ensina a buscar e viver em equilíbrio, assim como o dos nossos. Direcionar nossa força de ação desde nossa cosmopercepção, pelo bem-viver em fartura e comunhão com o espírito da terra, compreendendo as construções com o corpo-território e como elas se desdobram numa potencialização da retomada do território-corpo e retomada do território-terra, numa relação dinâmica, não-linear.

Dando continuidade, sobre a questão das realocações nas encruzilhadas da existência, a artista Mariana Barbosa Pimentel nos diz:

[...] a palavra retomada é bastante significativa e diz respeito à contemporaneidade. É uma palavra que tem nomeado o processo de reconhecimento - mesmo que tardio - da ancestralidade indígena na vida de diversas pessoas. Ancestralidade esta usurpada desde a invasão portuguesa em 1.500 até os dias de hoje. Retomada dos corpos pelas comunidades indígenas e pelos parentes que se perderam pelo caminho ou que esqueceram de lembrar as suas origens, como afirma o ativista indígena Miguel Kwaray (2020): “Cada vez que um parente fizer uma retomada, uma caravela afunda”. (PIMENTEL, 2021)

A produção coletiva Manual da Ginecologia Natural e Autônoma, de produção baiana, é uma elaboração que traz linguagem acessível e ilustrações, tendo fins didáticos acerca da saúde ginecológica e trata do tema por um viés de valorização do saber de pindorâmico e atlântico, fundamentando a oralidade e a relação com a terra e as vidas que dela nascem:

Nosso corpo é transgressão, nossa mente é magia, nossa vida é revolução. Então, escolher outro caminho é um imperativo à sobrevivência! Nos reconectar com os saberes tradicionais e ancestrais, para nós mulheres marginais, é uma atitude em busca de uma vida plena e verdadeira. (SOUZA, 2017)

Para ampliar o debate contido na citação acima, proponho que façamos o exercício de pensar as mulheres marginais, e pensar conjuntamente as dissidências marginais para situar apropriadamente de acordo com proposta deste trabalho a ser realizado. As existências transmasculinas, não suportadas pelas produções de conhecimento científico (até mesmo as contra, anti-coloniais), precisam estar também presentes e com voz quando o tema é saúde ginecológica.

O afastamento de sujeitos marginalizados do que constitui o que genericamente chamamos de "íntimo", subjetivo e conseqüentemente, corpo; acontece por um mecanismo colonial de silenciamento e "perda da imagem" (RATTS, 2007), bem como o agravante da imposição discursiva de áreas de conhecimento, que expressam moldes universalizantes de como se apresentam os corpos e as formas de cuidado e cura.

A socióloga Oyèrónké Oyěwùmí, aponta de maneira assertiva as armadilhas das explicações biológicas operadas de maneira exacerbada nas construções discursivas das diferenças de raça, gênero ou classe no Ocidente:

A preocupação ocidental com a biologia continua a gerar construções de "novas biologias", mesmo quando alguns dos antigos pressupostos biológicos sejam desalojados. De fato, na experiência ocidental, a construção social e o determinismo biológico têm sido dois lados da mesma moeda, uma vez que ambas as ideias continuam se reforçando mutuamente. Quando categorias sociais como gênero são construídas, novas biologias da diferença podem ser inventadas. Quando as interpretações biológicas são consideradas convincentes, as categorias sociais extraem sua legitimidade e poder da biologia. Em suma, o social e o biológico se retroalimentam. (OYĚWÙMÍ, 2021)

Estendendo a reflexão, a autora problematiza o pensamento feminista, que procurou a subversão da lógica da corporificação da diferença, porém, para além de ser ilusória, veio carregada de uma noção universalista em relação a outras culturas:

[...] o sexo foi apresentado como a categoria natural e gênero como a construção social do natural. Mas, posteriormente, ficou explícito que até o sexo tem elementos de construção. Depois disso, em muitos escritos feministas, o sexo serviu como a base e o gênero como a superestrutura³⁰. Apesar de todos os esforços para separar os dois, a distinção entre sexo e gênero é enganosa. Na conceituação ocidental, o gênero não pode existir sem o sexo, já que o corpo está diretamente na base de ambas as categorias. Apesar da preeminência do construcionismo social feminista, que reivindica uma abordagem social determinista da sociedade, o fundacionismo biológico³¹, senão o reducionismo, ainda está no centro dos discursos de gênero, assim como está no centro de todas as outras discussões sobre a sociedade no Ocidente. (OYĚWÙMÍ, 2021)

Reafirmamos a importância da reativação de epistemologias locais de Abya Ayala, de África, para o fortalecimento de nossa fonte de conhecimento e auto-determinação desde o território-corpo ancestral.

Atualmente conta-se com produções cinematográficas e acadêmicas que tratam da imagem de quem está à margem como o re-brotar de epistemes e subversão de lógica colonial, Beatriz Nascimento é referência neste quesito, pois quem não se vê, não pode se (re)conhecer, relacionar-se consigo e com seu povo pela libertação, Ceíça Ferreira nos trás um recorte do pensamento de Beatriz sobre este tema:

Ao relacionar imagem e corpo à construção da identidade, Beatriz reflete sobre sua busca por visibilidade. “É preciso imagem para recuperar a identidade, tem que tornar-se visível, porque o rosto de um é o reflexo do outro, o corpo de um é o reflexo do outro e em cada um o reflexo de todos os corpos. A invisibilidade está na raiz da perda da identidade, então eu conto a minha experiência em não ver Zumbi, que pra mim era o herói”. (FERREIRA, 2012)

A pesquisa então, tem como hipótese que a potencialidade da busca de conhecimentos empíricos acerca da complexidade das medicinas naturais, compreendidos dentro de práticas conjuntas e de compartilhamento de experiências, auxiliam na constituição (re) construção e aproximação da subjetividade e coletividade de existires estruturalmente invisibilizados. Nisso, torna-se um chamado denominar tais buscas como a retomada do território-corpo.

7 CRONOGRAMA

ANOS/ETAPAS	ANO 2022		ANO 2023		ANO 2024	
		1º Sem.	2º Sem.	3º Sem.	4º Sem.	
Revisão do projeto		X				
Levantamento e fichamento bibliográfico		X				
Organização da estrutura para a monografia		X				
Preparo do roteiro e coleta de dados		X	X			
Análise dos dados coletados			X	X		
Elaboração e Redação do trabalho				X		
Revisão e redação final				X	X	
Entrega da Monografia					X	
Defesa da monografia					X	

Referências

- ALAYÓN, Tito Mitjans. 2020. **"La puente prieta" : feminismos disidentes y afrodiaspóricos en San Cristóbal de Las Casas.** Tese de Doutorado em Intervenção Feminista. Universidade de Ciências y Artes de Chiapas. Programa de Pós-Graduação em Intervenção Feminista. San Cristóbal de Las Casas, México, 2020.
- AMADIUME, Ifi. **Re-inventing Africa: Matriarchy, Religion and Culture.** Londres: Interlink Publishing Group, 1997.
- ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma ideia.** Trad. Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Alice Carmo. Ensaio Filosófico, Volume XIV, Dezembro/2016.
- BABAU, Cacique. **Retomada.** PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 13, página 98 - 105, 2019.
- BAKARE-YUSUF, Bibi. **Yorubas Don't Do Gender: A Critical Review of Oyeronke Oyewumi's The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses.** In: *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms* CODESRIA Gender Series. Dakar: CODESRIA, 2004, p. 61-81.
- BAKARE-YUSUF, Bibi. **Thinking with Pleasure: Gender, Sexuality and Agency.** In *Women, Sexuality and the Political Power of Pleasure.* Eds. Susie Jolly et al. London: Zed Books, 2013.
- CABNAL, Lorena. 2020. **"El relato de las vivencias desde mi territorio cuerpo-tierra".** En Rosalba Icaza y Xochitl Leyva Solano (coords.). *Entiempos de muertes: Cuerpos, Rebeldías y Resistencias.* Argentina/México/Países Bajos, pp. 113-126.
- DE TRANSS. **Mostra Coletiva de Artistas Trans e Travestis: Trans-Parto por Bruno Santana.** YouTube, 24 de março de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0dzPIYQJhyl>>
- DIOP, Cheikh Anta. **Unidade Cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica.** Lisboa: Editora Pedagogo, 2015.
- DUARTE, E. A. e FONSECA, M. N. (org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica.** Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 103-116.
- EVARISTO, Conceição (2008). **Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória.** Releitura, Belo Horizonte, n. 23.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória.** Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FERREIRA, Ceíça. (2012). **À procura de uma imagem: Reflexões sobre a negritude no cinema brasileiro.** Disponível em: <<http://www.omenelick2ato.com/fotografia-e-cinema/a-procura-de-uma-imagem-reflexoes-sobre-a-negritude-no-cinema-brasileiro>>

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.** Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

MOMBAÇA, J. **Pode um cu mestiço falar?** Medium, 6 jan. 2015. Disponível em: <http://bit.ly/2V1138t>. Acesso em: 27 jul. 2022.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para discursos ocidentais de gênero** / Oyèrónké Oyěwùmí: tradução wanderson flor do nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PIMENTEL, Mariana Barbosa (2021). **CORPOS EM RETOMADA: : A PERFORMANCE DA ANCESTRALIDADE** . Revista TXAI - Programa De Pós Graduação Em De Artes Cênicas - Ufac, 1(1 - Semestral). Recuperado de <https://periodicos.ufac.br/index.php/txai/article/view/516>.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan. **Manual de Investigação em Ciências Sociais.** Trad. João M. Marques, Maria A. Mendes, Maria Carvalho. Rio de Janeiro. Gradiva – Publicações, ed. 4, out./2005.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

REVISTA ODÚ: **contracolonialidade e oralitura.**/ Jade Alcântara Lôbo coord., Organização de Clarisse Lis Marcon, Fábio Alex Ferreira da Silva e Luiz Carlos Silva dos Santos Junior, et. al. Ilhéus: Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB.

RODRIGUES, Ana Lúcia de Moura. (2018). Trabalho de conclusão de Curso em Publicidade e Propaganda. **Construção de Personagens em Branco sai, Preto Fica.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia. Departamento de Publicidade e Propaganda, Porto Alegre, 2018.

RODRIGUES, Vera. **Mulheres Negras Resistem: protagonismo feminino, negro e nordestino.** Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v. 6, n. 16, p. 35-43, nov./2019.

SILVA, Divino Oliveira e col. (2015). **Plantas medicinais como proposta interdisciplinar no segundo segmento da educação de jovens e adultos.** REMOA - v.14, Ed. Especial UFMT, 2015, p.184-198.

SOMÉ, Sobonfu (2009). **O Espírito da Intimidade - Ensinaamentos Ancestrais Africanos Sobre Maneiras de Se Relacionar.** Odysseus, São Paulo.

SOUZA, Lais et al. . **Manual de Ginecologia Natural e Autônoma.** Salvador, BA. 2017. E-book (56p.) Disponível em: <https://librotecalibre.files.wordpress.com/2018/01/manual-de-ginecologia-natural-e-autonoma.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

VERGUEIRO, V. (2015). **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** 244 f.: il., Salvador.